

SER-PARA-O-SEXO E A PARTILHA DOS SEXOS¹

Rithée Cevasco*

Psicanalista, socióloga e ensaísta. Coordena o Centro de Investigação Psicanálise e Sociedade de Barcelona (Espanha). É AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-FPB, Espanha). Pesquisadora do Centro Nacional para a Pesquisa Científica (CNRS) e do Laboratório de Psicanálise e Ciências Sociais (Paris, França).
Email: rithce@ilimit.es

Resumo: Com a expressão “ser-para-o-sexo”, o psicanalista francês toma sua distância do “ser-para-a-morte” de inspiração heideggeriana. Situará no mais íntimo de cada sujeito a referência a sua singular modalidade de gozo, em seu encontro com o corpo sexuado. Ele não duvida em falar de uma “escolha de gozo”, para acentuar uma escolha que é assunto de cada um, em sua relação com o gozo sexual, enquanto determinado pelo inconsciente. Essa escolha não pode ser reduzida, nem às determinações do sexo (anatômico) nem a uma questão de gênero (construto social feito de coações, idealizações e normas que constituem a base das identificações sexuais). Ela mostrará como cada um pôde situar-se com relação a falta-a-ser e a falta-a-gozar, que são a cota comum para nós, os que estamos habitados pela linguagem. Lacan, a partir dessa relação com o gozo, propõe uma original construção da diferença dos sexos. Se, para cada um, identificados como homem ou mulher, não há senão um significante no inconsciente para denotar sexualidade, cada um ou uma tem uma opção diferencial quanto ao seu gozo. Gozo fálico inteiramente referido a esse significante (gozo masculino) ou “não-todo” em relação ao gozo fálico (gozo feminino). Com essa distinção, Lacan subverte radicalmente a divisão dos sexos, concebida como oposição binária e complementar. Essa formalização da diferença dos sexos não deixa de ter uma repercussão no campo da Filosofia, ao fissurar a concepção do ser como *Um*, assim como no campo da política: a concepção do “não-todo”, como incompletude, sendo um antídoto contra a configuração de um pensamento totalitário. Podemos contar mais de um sexo, mas não

* Tradutora para o espanhol do Seminário 1 de Lacan e de “As estruturas elementares do parentesco” de Lévi-Strauss. Autora de “La discordia de los sexos: perspectivas psicoanalíticas para un debate actual (2010) e coautora de “Conceptos freudianos” (2005), “La haine, la jouissance et la loi” (1995), “Aspectos del malestar en la cultura: Psicoanálisis y prácticas sociales” (1989) e “Économie et humanisme” (1980).

1 Texto estabelecido por Chapuis e publicado em espanhol em Cevasco (2010a). Tradução para a língua portuguesa e publicação em *A Peste* autorizadas pela autora e pela Ediciones S & P (Barcelona).

dois... O “não-todo” feminino não pode contar-se como *um* para suprir *dois*. Subversão, pois, da concepção da diferença, tal como é concebida tradicionalmente no Ocidente.

Palavras-chave: sexo; gozo; Lacan; masculino, feminino.

Abstract: Through the expression “being-for-sex”, the French psychoanalyst moves away from the concept of “being-for-death”, which has a Heideggerian inspiration. He has no doubts to speak of an “enjoyment choice”, in order to highlight a choice that is up to each person, in its relation with sexual enjoyment, as determined by the unconscious. This choice cannot be reduced, either to sexual determinations (anatomical) or to a matter of gender (social construct made up of coercions, idealizations, and standards that create the basis of sexual identifications). Lacan, through this relation with enjoyment, proposes an original construction of the difference between sexes. If, to each one, identified as a man or a woman, there is nothing but a signifier in the unconscious to denote sexuality, each man or woman has a different choice with regard to her/his enjoyment. Phallic enjoyment is directly related to this signifier (male enjoyment) or “not all” related to phallic enjoyment (female enjoyment). We may count more than one sex, but not two... The female “not all” may not be regarded as *one* in order to supply *two*. Thus, this is a subversion of the concept of difference, as it is traditionally seen in the West.

Keywords: sex; enjoyment; Lacan; male; female.

Ser-para-o-sexo

Ser-para-o-sexo! Essa expressão concerne à escolha da posição sexual e deve ser entendida sobre o pano de fundo da *falta-de-ser* e da *falta-de-gozar*. Não invoca nenhuma plenitude do ser e não satura, nem a divisão do sujeito por estar assujeitado à linguagem (hiância nunca suturada entre enunciado e enunciação, entre os ditos e o dizer), nem sua castração enquanto perda original de gozo, a qual constitui o sujeito como sujeito desejante. O ser-para-o-sexo é uma escolha. Escolha inconsciente, sem dúvida, que só uma análise levada a seu término consegue, às vezes, desvelar em suas condições já inscritas nas primeiras experiências sexuais infantis.

Não se trata de uma escolha de livre arbítrio. Não obstante, os seres humanos podem escolher, em termos de posição sexuada, até tal ponto que Lacan afirma, em 1974, no seminário *Les non-dupes errent* (LACAN, 1973-1974), que cada um se

autoriza a si mesmo como ser sexuado, sendo inclusive uma escolha necessária. Essa escolha inconsciente é a base sobre a qual Lacan funda a distinção, a diferença, a discordância entre os sexos (Cevasco, 2010b).

Lacan frequentemente utiliza o termo "ser", mas sem subordiná-lo a nenhuma concepção filosófica específica. Evoca, assim, em seu texto *A instância da letra* (1957/1998), a referência freudiana ao *Kern unseres Wesens*², ao qual nos introduz a experiência do inconsciente. No início de seu ensino, Lacan é prolífico no uso do termo. O próprio fim da análise é concebido como revelação e realização do ser.

Nessa época, Lacan estabelece certa aliança com a filosofia na referência que faz ao ser. Porém, mais adiante, à medida que circunscreve a especificidade do discurso do analista, vemos que se trata, na verdade, de uma antifilosofia.

Em *Mais, ainda* – seu seminário de 1972-1973 –, Lacan esclarece que sua linguagem se distingue da língua do ser, o que, entretanto, não o impede de continuar utilizando o termo.

Em seu texto *O aturdido* (LACAN, 1972/2003), continua reconhecendo a fraternidade entre filosofia e psicanálise e volta a referir-se a Heidegger, a quem já havia prestado homenagem por ser o filósofo contemporâneo que reconheceu o estreito vínculo entre a verdade e a linguagem. A verdade é feita da mesma matéria que a linguagem. Por isso mesmo, a verdade nunca é mais que um meio-dizer. Não há verdade absoluta que possa ser dita, a palavra, em sua *equivocidade*, nunca poderá enunciar a *univocidade* de ser algum.

Em *O aturdido*, Lacan evoca a Heidegger, sem nomeá-lo explicitamente, por haver reconhecido o caráter sempre evanescente dessa verdade: quanto mais se manifesta, mais se oculta. A fraternidade entre filosofia e psicanálise consiste em deixar aberta a questão da verdade que o discurso da ciência ignora e que o discurso capitalista banaliza. Lacan opõe o *ser-para-o-sexo* – ao qual a experiência freudiana nos introduziu – ao *ser-para-a-morte* de Heidegger.

Ao transformar o *ser-para-a-morte* em um *ser-para-o-sexo*, Lacan afasta-se de Heidegger. A dimensão sexual, ausente no pensamento heideggeriano, é uma forte objeção à pretendida autenticidade da pureza do ser, o que permite, de passagem, liberar-se da possível toxicidade que seu pensamento pode acarretar. Referimo-nos,

2 A expressão provém de Freud em "A interpretação dos sonhos" (1900/1987), como lembra Lacan (1961/1998, p. 593): "[...] cerne do ser (*Kern unseres Wesen*, escreveu Freud)".

claro, a sua cegueira ante o nazismo. A abordagem do ser-para-o-sexo introduz a incompletude, que é um antídoto a todo pensamento totalitário. A lógica lacaniana da distinção dos sexos, por introduzir o “não todo”, pode ser colocada na “caixa de ferramentas” úteis para um tratamento do político. Assim, a psicanálise não deixa de ter uma incidência política, em função de sua prática e de sua teoria dos laços sociais: a análise do mal-estar na cultura, desde Freud, e a teoria dos discursos em Lacan permitem uma análise do social e das formações coletivas que não deixa de lado a hipótese do inconsciente.

A tarefa da psicanálise, insiste Lacan³, deve manter-se à altura da subversão freudiana: é uma experiência do ser-para-o-sexo que, graças a Freud, acentua a castração. Invocar o ser-para-o-sexo não é nenhuma promessa de oferta técnica para o encontro entre os sexos, tampouco se trata de um pansexualismo que pudesse reduzir tudo a uma significação sexual, nem é portadora de uma utopia de “liberação sexual” ingênua como o que poderia ser concebido a partir da eliminação das proibições e prescrições dadas pela cultura em suas variantes históricas.

A experiência do ser-para-o-sexo desvela uma falha central da sexualidade, já anunciada explicitamente por Freud: algo na sexualidade impede sua plena realização (FREUD, 1905/1987/2006).

O encontro entre os sexos, para o ser falante, está sob o domínio dessa falha essencial da sexualidade, que encontra com Lacan sua fórmula “axiomática”: *Não há relação/proporção⁴ sexual que se possa escrever*. Fórmula que recorta uma impossibilidade, com a qual Lacan introduz a dimensão de seu real alheio a toda simbolização, fora de todo sentido. Não tudo da sexualidade é apreensível a partir da linguagem.

Em *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina* (LACAN, 1962/1998), sua primeira tentativa sistemática de abordar a questão da sexualidade feminina, Lacan é explícito: se todo analisável é sexual, não todo sexual é analisável. Primeiro antecedente,⁵ portanto, do “não todo” como dimensão de um real que se

3 Ver a intervenção de Lacan (1967/2003).

4 Em suas diferentes formulações, Lacan utiliza o termo “*rappor*”: *relação* com a significação, também válida em espanhol, mas pouco usual, de *proporção* no sentido algébrico.

5 Poderiam ser consideradas antecedentes também outras utilizações da barra para indicar uma espécie de “não todo”.

articula de maneira específica na relação da mulher com a castração. Lacan irá propor a escrita de suas fórmulas da sexuação para distinguir a divisão entre homens e mulheres no que concerne à relação de cada um com o gozo sexual propriamente dito.

Nosso diálogo sobre a distribuição dos sexos requer que nos detenhamos no que entendemos por *gozo*, categoria que é necessário distinguir do prazer. O uso singular da categoria *gozo* sempre aponta para manifestações perturbadoras para o equilíbrio homeostático do prazer, mesmo que apenas pontualmente, e que também são experiências dissidentes no que se refere aos semblantes impostos pelos discursos.

A relação do sujeito com o gozo é sempre uma experiência de máxima singularidade em cada um e está condicionada por um saber inconsciente, opaco para o sujeito, que o experimenta como algo intrusivo, estranho, alheio a sua vontade. O espaço do gozo é então “*éxtimo*”, dirá Lacan, o mais íntimo e, ao mesmo tempo, alheio, situado em uma relação topológica de “*exclusão interna*”⁶.

A entrada no coração da experiência analítica provém da dificuldade do ser-para-o-sexo, que somente pode se assumir de maneira sintomática. À negativa da impossibilidade de escrever a relação/proporção sexual, cada um responderá com um sintoma, que é singular e condiciona seus encontros sexuais. A não relação é um obstáculo à ideia da concepção de um casal de gênero, predeterminado por aquilo que poderiam ser o masculino e o feminino.

Somente se formam casais sintomáticos, baixo à eleição ou à solução que cada um terá feito quanto a sua relação com o gozo sexual.

Para o psicanalista, porém, não se trata de responder às demandas de um pré-determinado ser-para-o-sexo, e sim fazer valer a fórmula: “eu lhe peço que você recuse o que lhe ofereço porque não é isso” (LACAN, 1972-1973/1982, p. 152)⁷.

6 Desse modo, o conceito *gozo* – que não se encontra em Freud, o qual, por sua vez, fala de *libido* e de *lust* – é um aporte próprio de Lacan. A partir dos anos 1960, adquire importância fundamental e, nos anos 1970, converte-se em um conceito primordial para pensar toda a clínica. O termo “gozo” declina-se em diversas modalidades de acordo com os registros lacanianos real, simbólico, imaginário: *gozo fálico* (entre real e simbólico); *jouissens*, *gozo do sentido* (entre imaginário e simbólico) e *gozo do Outro* (entre imaginário e real). Assim declinado, o gozo passa do singular ao plural: não há um gozo, e sim vários gozos.

A questão do gozo sexual é concomitante a que no outro simbólico nada responde aos dois significantes sob os quais se classificam os seres humanos: homem ou mulher. Nada responde no Outro no que concerne ao gozo, salvo o significante *sem par* a que chamamos falo, circunstância já descoberta por Freud desde 1923 com sua “organização genital infantil”.

Para as crianças, no início, não há diferença sexual, há in-diferença sexual: a sexualidade está totalmente encarnada na perversão polimorfa das pulsões parciais.

7 Lacan utiliza a mesma expressão com leve variação também no *Seminário 19: ... ou pior* (1971-1972/2012).

Com a progressiva autonomia e formalização do discurso do analista, Lacan afasta-se de toda ontologia, mesmo que possa afirmar, como o faz em 19 de fevereiro de 1964 em seu seminário, que ele também tinha uma ontologia – como qualquer pessoa tem a sua, seja ingênua ou elaborada –, mas, ao mesmo tempo, afirmando que “o que tento esboçar em meu discurso [...] está essencialmente centrado na particularidade da experiência” (isto é, da prática analítica) e “[...] não pretende recobrir o campo inteiro da experiência” (1964/1988, p. 69-78) do ser humano. O *real* do qual se ocupa a psicanálise é um real relativo à sexualidade. Não é o real de que podem tratar outros discursos, seja o da ciência ou o da política. A psicanálise afasta-se, assim, de qualquer tentativa de apresentar-se como um metadiscurso da verdade de outros discursos e práticas sociais, de outras disciplinas. Nesse ponto, afasta-se, sem dúvida, de toda concepção “filosófica”, se com isso se concebe a vocação de dizer a verdade sobre o real.

A psicanálise desapegada então de toda ontologia, no sentido clássico do termo, não responde pelo ser enquanto ser. O estatuto do inconsciente é mais ético do que ontológico, revelando com sua clínica, com seus atos e suas interpretações a divisão e a castração constitutivas de todo ser humano.⁸

Se o diálogo entre filosofia e psicanálise nos recorda a “fraternidade” existente entre ambos os discursos, a hiância que os separa é também irreduzível. Um filósofo contemporâneo – sem dúvida interpelado pela psicanálise e, mais particularmente, pela psicanálise lacaniana –, Alain Badiou, situa Lacan na genealogia da antifilosofia que não aceita a existência de uma metalinguagem que nos possa dar a verdade sobre o sobre o ser.

A compreensão da linguagem está des-ontologizada por Lacan. Como assinalávamos antes, fazendo cair a *univocidade* do ser, impõe a *equivocidade* do significante. Os antifilósofos opõem objetos paradoxais às interpretações estabelecidas pela filosofia.

8 Para a psicanálise, a *castração* não é um mito nem se confunde com a imaginarização da perda do órgão. A castração, formalizada como uma função chamada *função fálica*, é efeito da linguagem: efeito de perda de gozo originária que se produz no organismo vivente por sua incorporação da linguagem. Duplo efeito de linguagem: 1) ao impor ao sujeito sua *divisão*, sempre haverá uma hiância entre o que se diz e o fato de dizê-lo, ou melhor, dito em termos mais próximos à linguística, hiância entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação; 2) somam-se à *divisão* do sujeito os efeitos da perda de gozo no nível do corpo. O ser-para-o-sexo inscreve-se sobre essa dupla negatividade faltadeser (divisão do sujeito) e faltade gozar (castração) mencionada ao começo desse texto.

Por isso, Badiou situa o inconsciente lacaniano na série desses objetos paradoxais: o *não ser* de Gorgias, a *aposta* de Pascal, a *existência pura* de Rousseau, a *escolha radical* de Kierkegaard, a *vida* de Nietzsche, a *linguagem* de Wittgenstein.

A partir de sua leitura de uma parte de *O aturdido*, Badiou ilustra a disjunção radical entre o discurso filosófico e psicanalítico, posto que Lacan afirma que “não há sentido da verdade porque não há verdade do real”, do real só podemos obter uma função de saber, de um saber que não é da ordem da verdade (BADIOU e CASSIN, 2001).

Lacan opta por uma decisão a respeito do “sentido”, como recorda Cassin (ibid.). Uma decisão que se inscreve fora do campo tradicional do dualismo entre sentido e não-sentido. Utiliza então o neologismo *au-sentido* para escapar da oposição sentido/não sentido. O equívoco, a falta de unicidade de sentido, à qual nos introduz a linguagem, é correlativa ao “axioma” de exclusão da psicanálise, anteriormente assinalado: a impossibilidade de escrever a relação/proporção sexual. *Au-sentido* ressoa no lugar de *au-sexo* (outro neologismo que evoca a impossibilidade mencionada).

Assim, abre-se a dimensão de um real que não pertence ao âmbito do sentido, buraco central do inconsciente cujo nome freudiano é *Urverdrängung*, recalque originário, anterior a todo recalque de significantes, buraco que atrai para si os significantes recalcados.

Sob essa perspectiva, a filosofia falha no que se refere à relação com o real (sexual), pois, ao precipitar-se em direção à verdade, provoca que se lhe escape, que se lhe oculte o real enquanto vinculado ao sexo como ausência, como *au-sentido* de *au-sexo*.

Diferente da filosofia, a experiência analítica – por sua experiência do *au-sexo* pela via do *au-sentido* – topa com um real que desloca toda referência ao sentido, na qual fica presa a busca da verdade filosófica (ibid.).

Zupančič afirma que inclusive os filósofos contemporâneos que se inspiram na psicanálise acabam deixando de lado a questão dos sexos, do ser-para-o-sexo (ZUPANCIC, 2010). Esse também seria o caso, afirma, do próprio Badiou.⁹

9 Recentemente – no dia 3 de maio de 2013, em Paris, na *Ecole Normale Supérieure* (ENS) – Badiou deu uma conferência cujo título foi “A feminilidade”. Não houve nenhuma alusão nem a Freud, nem à psicanálise, somente uma breve referência a Lacan quando afirmou certa discordância com a concepção lacaniana do “não todo” como específico do gozo feminino. Segundo sua análise, muito particular, e seguindo as figuras tradicionais da feminilidade, essa se situa sempre numa espécie de espaço entredois e, com isso, desmonta o império do um. Estaria a feminilidade fora do regime do um? Seria esse o ponto em que se distingue da proposta do “não todo” lacaniano que não é sem o um. Por um lado, para Badiou, a feminilidade pareceria ser uma prova em ato do que se pode fazer sem contar com o um, sendo assim uma prova da não existência de Deus. Por outro, expressa seu

Reafirmamos: essa relação com a sexualidade que está no fundamento da práxis analítica marca uma hiância entre a filosofia e a psicanálise. Ali onde Aristóteles interrogava-se sobre o princípio que pudesse assegurar uma lei do real (o de não contradição), Lacan responde que "não tem a menor dúvida de que o único princípio é que o de que não há relação [proporção] sexual" (LACAN, 1971-1972/2012, p. 20).

Com esse princípio, inaugura-se uma nova discursividade, no sentido em que Foucault empregava esse termo, tendo Marx e Freud como autores de novas discursividades. Ao postular que não há contradição no real, o filósofo queria garantir a univocidade de sentido como essência para a psicanálise, mais próxima ao poeta – e ao sofista, conforme reconhece Cassin –, dado que não há sentido que não seja equívoco, o real com o qual se topa se afirma nos *impasses* próprios da lógica. Não em vão, Lacan recorre à escrita lógica para dar conta da partição de homens e mulheres quanto ao gozo sexual, gozo que requer a consideração de um gozo real mais além de todo sentido.

Assim, a lógica que preside a diferença dos sexos – e que articula a distinção masculino/feminino sobre o pano de fundo do *au-sexo* fundamental – será forçosamente subversiva a respeito da lógica binária e complementar baseada no princípio de não contradição.

O ser não é, para Lacan, senão efeito de discurso e, por isso, é equívoco. Dirá que, ao invés de ontologia, para a psicanálise, trata-se de uma *Hontologia* (LACAN, 1969-1970/1992, p. 172)¹⁰, pois a ontologia é vergonhosa. O vergonhoso da ontologia radica no ocultamento do gozo do mestre da verdade que o filósofo pretende encarnar.

Porém, o *não há* dá lugar à dimensão do ato. A não existência da relação/proporção sexual situa a sexualidade no campo do ato, do ato sexual. Não pressupõe o fracasso ou a impossibilidade do encontro entre os sexos, e sim o contrário: seus logros só se obtêm no pano de fundo do "falido" (fracasso) da relação. Lacan, em *Televisão*, evoca a noção de "ato falho", enquanto formação do inconsciente, para se referir a "esse fracasso em que consiste o êxito do ato sexual" (LACAN, 1974/2003, p. 536).

temor de que, sob os efeitos do capitalismo triunfante e confrontada a masculinidade a uma suposta decadência, as mulheres poderiam ocupar um lugar de "exército de reserva" do um, pois estariam obrigadas a praticar um individualismo ainda mais feroz que o masculino, tal qual se encarna nos movimentos feministas reacionários. Badiou anuncia que em breve dedicará um seminário inteiro à questão da feminilidade, o que seguramente será uma oportunidade para, eventualmente, retomar esse diálogo crítico entre filosofia e psicanálise.

¹⁰ Lacan brinca com a homofonia do francês que faz ressoar *Honte* (vergonha) em *Hontologie* (traduzido em português como *vergontologia*).

Falho (fracassado) não quer dizer que esteja fora de toda satisfação, mas que fundamentalmente, para os sexos, a satisfação não está previamente programada nem pela natureza, nem pela cultura; mesmo que proibições, prescrições, mandamentos ideais proliferem e, inclusive, abra-se o campo da permissividade jurídica e social a respeito das práticas sexuais que caracterizam nossos novos atuais ordenamentos da sexualidade.

O que dizer então da repartição homem/mulher levando em conta a impossibilidade de escrever a relação/proporção sexual?

Repartição

“Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual”, afirma Lacan (1972-1973/1982, p. 49). Parte disso, do que não se pode escrever. O que isso diz da relação homem/mulher? “Podemos, a rigor, escrever xRy , e dizer que x é o homem, que y é a mulher e R é a relação sexual” (ibid.). Podemos escrevê-lo, “só que é uma besteira, porque o que se suporta sob a função do significante, de *homem*, e de *mulher*, são apenas significantes absolutamente ligados ao uso *discorrente*¹¹ da linguagem” (ibid.). Entenda-se que esses significantes têm pouco a ver com o que a psicanálise permite revelar sobre a relação da sexualidade com o inconsciente, isto é, da sexualidade submetida à lei da castração e do significante fálico, e das consequências que isso gera para o encontro entre os sexos.

Fica assim explícito que se deixam de lado as referências ao sexo, enquanto determinação anatômica, bem como ao gênero, enquanto *constructo* cultural. A “anatomia analítica”¹² requer uma clara distinção entre sexo, gênero e sexuação. O termo *sexuação* é utilizado por Lacan precisamente para enfatizar que a posição sexuada do sujeito depende de um processo; inclusive fala de uma “escolha” de sexo que, como assinalava ao princípio, é uma escolha inconsciente.

11 O neologismo *discorrente* corresponde ao francês *courcourant*, em continuidade com *disqueourcourant*, traduzido como *discursocorrente*.

12 Expressão de Morel (2002).

Lacan *escreve* essa partilha dos sexos – produz sua escrita – em lado homem/lado mulher, a partir de determinadas fórmulas que estabelecem uma relação do sujeito com o gozo sexual enquanto condicionado pelo inconsciente e submetido à castração formalizada como função fálica.¹³

Homem	Mulher
$\exists x \overline{\Phi x}$	$\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$
$\forall x \Phi x$	$\overline{\forall x \Phi x}$

Para que Lacan propusesse a escrita dessas fórmulas, distribuindo o x em um lado masculino e em um lado feminino, teve que, previamente, outorgar ao gozo um papel relevante na experiência analítica.

A psicanálise ocupa-se das tribulações do gozo e não das especulações metafísicas do ser. Gozo que se aninha nos sintomas, gozos que excedem ao controle do sujeito, gozos que, mais além do princípio do prazer, podem dar conta das experiências mortíferas, às quais nossa espécie falante pode se consagrar com persistência, infringindo os equilíbrios do princípio do prazer homeostático.

Finalmente, Lacan afirmará que, se a psicanálise é uma espécie de ontologia, o é na medida em que se ocupa de uma única substância, a substância de gozo (nem *res pensante*, nem *res extensa*). A substância gozante é a única substância que concerne à prática analítica e permite introduzir o corpo como lugar onde algo é gozado *não sem* a linguagem.

Quando Lacan se ocupa da diferença dos sexos, o faz retornando à “espinhosa” (Laurent, 1994) questão da sexualidade feminina em Freud.

Retoma a questão ali onde Freud a deixou com certa perplexidade: o que quer a mulher? Pergunta que Lacan reformula trocando o uso do artigo: o que quer *uma* mulher? Porque, o que tenta demonstrar com suas fórmulas, é que A mulher (sem barrar) não existe, que não se pode fazer um conjunto com o gozo não todo fálico específico que aparece do lado mulher. Com isso, traça a barra sobre o A (\overline{A}). Lacan recorre a essa

¹³ Ver nota 12.

barra para indicar a impossível completude: do sujeito (S barrado) [\$], do Outro (S de A barrado) [S(A)]. O gozo não todo fálico desdobra a uma mulher, desdobramento que se soma à sua divisão enquanto sujeito falante.

Partindo da experiência analítica (e nesses pontos Lacan lhe será fiel), Freud:

reconhece que para o sujeito infantil, no início, não há distinção dos sexos; meninos e meninas estão imersos, sem dúvida, nas satisfações pulsionais, o que é conhecido como a perversão polimorfa da sexualidade infantil. Portanto, são in-diferentes à distinção sexual;

estabelece a univocidade de uma só libido, a qual qualifica de “masculina” dada sua atividade. É evidente que o adjetivo poderia ser eliminado para não se correr o risco de associar atividade com masculinidade. Como não há senão uma só libido, ela não é apta para distinguir o masculino do feminino.

Nos anos 1970, na França, as feministas do MLF (*Mouvement de libération des femmes*), nada alheias à psicanálise, desenvolveram sua tese acerca de uma libido especificamente feminina, de um inconsciente feminino, também de uma escrita feminina. Podemos supor que o seminário *Mais, ainda* é uma resposta de Lacan a essas feministas, algumas das quais frequentavam seu divã.

Lacan reconduz a tese freudiana da libido única à do significante único comum a homens e mulheres (mais relacionada a sua ideia do inconsciente estruturado como uma linguagem), que tampouco proporciona elementos definitivos para distingui-los.

Posto que o gozo, enquanto determinado pelo inconsciente, é sempre e unicamente *gozo fálico*, a partição masculino/feminino deverá ser buscada por outros caminhos.

Falo, função fálica, gozo

No inconsciente, homem e mulher não se enlaçam diretamente, só se enlaçam passando por um terceiro elemento que é precisamente o *significante fálico*. Porém, mais que “unir”, o referente fálico faz objeção, favorece a discordância entre os sexos. Mais adiante, declinará esse significante *Falo* como uma função chamada *função fálica*. Lacan insiste, em particular em seu seminário *Mais, ainda*, sobre a impossibilidade lógica da relação sexual e, finalmente, a *função fálica* vem suprir a impossibilidade da relação sexual.

Mas, insistimos, o inconsciente não escreve, em matéria de gozo, outro gozo que não o fálico, não escreve diferença alguma entre o gozo masculino e o feminino.

Sem dúvida, o inconsciente (vale dizer, a sexualidade enquanto passa pelos desfiladeiros da linguagem) é *falocêntrico*; o que não equivale a acusar a psicanálise de *falocentrismo*. Erro, sem dúvida, de muitas feministas. O discurso do inconsciente não é o discurso do analista e a experiência analítica opera também com o *não todo* da linguagem, com esse real que é *au-sentido*, que está fora de todo sentido, abrindo assim um domínio mais além do falo. A proposta *não falocêntrica* da psicanálise lacaniana deve ser buscada na perspectiva – lógica – em que postula a ex-sistência do feminino.

A *função fálica* – que é preciso distinguir da *significação fálica* e do *significante falo*¹⁴ – inscreve a operatividade da castração, o “sacrifício” de um suposto gozo originário que supõe a inscrição da sexualidade na linguagem, perda sobre a qual se assenta toda a dialética e a possibilidade do campo do desejo. A castração é, assim, o índice dessa perda originária de gozo e, enquanto operador estrutural, não se confunde com a imaginarização da perda do órgão. É, antes de tudo, castração do Outro (castração materna no processo de subjetivação infantil, dado que a mãe é, na maioria das vezes, a primeira figura do Outro de uma criança).

O gozo originário, mítico e perdido desde sempre para a espécie falante, é imaginarizado como um gozo mais completo, mais corporal, mais absoluto que o gozo do ato sexual; seria algo como o “o gozar da vida” que pode ser suposto ao mundo animal, por exemplo, precisamente por estar fora da linguagem. É certo que sobre o gozo animal nada sabemos, porque nada nos dizem, o que permite aflorar todas as possibilidades imaginativas. Podemos, sim, assegurar que se costuma ativar essa fantasia de um gozo absoluto, com o que o gozo encontrado sempre difere do gozo esperado.

Nesse sentido, o gozo, no singular, é uma “instância negativa” que somente pode ser abordada pela via da lógica, possibilitando alguma escrita do que seria o *gozo não fálico*. Mesmo que se experimentem outros gozos, ao ser humano – homem ou mulher – somente se lhe “significa” o gozo enquanto gozo fálico. Lacan recorre à lógica, elevando-a a categoria de “ciência (...) do real” (LACAN, 1972/2003, p. 449), para abordar esse “real” do gozo, pois o real pode ser detectado nos *impasses* da lógica.

Ao passar da referência ao *falo* como significante à *função fálica*, nos anos 1970, para situar o *falasser*¹⁵ quanto a seu gozo sexual, o declina em duas modalidades de

14 A *función fálica*, que não representa o sujeito, distingue-se do papel do *falo* nas identificações sexuais do masculino e do feminino, tal como Lacan o havia considerado nos anos 1958/1960 quando deu destaque à distinção entre *ser* e *ter* o falo.

15 O neologismo lacaniano é *parlêtre*: falasser.

gozo sexual: um gozo inteiramente consagrado pela castração e um gozo “não de todo”, “não todo” concernido por ela. Essa distinção dos sexos é novidade: não recorre à anatomia, nem às identificações, mas sim a como fica fixado o gozo determinado pelo inconsciente/linguagem, propondo outro gozo mais além de tal determinação.

Fica claro que a proposta de Lacan é alheia a qualquer aproximação proposta a partir de uma perspectiva construtivista de gênero, tal como o assinalam tanto Copjec quanto Zupančič.

A recorrente pergunta relativa a contar os sexos fica colocada. Um ou dois sexos? Uma multiplicidade de possibilidades?

É visível que Lacan mantém certa distribuição em duas “metades”, mas não é suficiente postular esse “não todo” da função para passar do *um* ao *dois*. Mesmo que a afirmação do um se apoie na existência necessária da função fálica, que vale como um universal necessário para o *falasser*, traça-se o domínio de uma margem de gozo – Lacan o chamará “suplementar” – que não fica restrita ao campo do gozo fálico. Mais que um, mas não forçosamente dois. Porque o lado “mulher” enquanto “não todo” não permite conjugar em um *um* essa margem do “não todo” concernido pela função. Não há um *um* do gozo Outro que permita contar *dois* sexos.

Por outro lado, é preciso distinguir esse gozo *Outro* do gozo *do Outro*, esse último propriamente mítico, imaginado por Freud como gozo do pai da horda primitiva gozando de todas as mulheres: uma imaginarização do que seria o gozo se houvesse relação sexual, mas não há... O que suporia então a existência de um Outro completo, consistente, não esburacado pelo real da impossibilidade.

Esse gozo *Outro* não é uma extensão do gozo fálico. Não se trata do que expressa o mito de Tirésias, que descobre que a mulher goza mais que o homem. A referência de Lacan ao paradoxo de Zenão (Aquiles e a tartaruga) é mais adequada como figuração do masculino e do feminino. Aquiles pode ir mais longe do que a tartaruga, mas só pode se encontrar com ela no infinito. O espaço sexual do um é heterogêneo ao da outra. Por isso, Lacan recorre também a uma referência matemática com sua hipótese da compacidade.

Esse gozo, dirá Lacan, é “suplementar” (que supre) e, se tem o valor de um “excedente de gozo” em relação ao gozo fálico, de modo algum se insere em uma lógica de complementariedade. Sendo um gozo real, fundamentalmente opaco, não convém abordá-lo pela via da “voz do corpo” porque se esqueceria de que essa voz é a do

inconsciente, como pretenderam fazê-lo as primeiras psicanalistas mulheres que já haviam detectado o escândalo que supunha a posição de Freud ao encarar a sexualidade feminina unicamente a partir da referência fálica.

Desencadearam assim a famosa querela do falo nos anos 1920-1930, que logo ficou oculta pelo retrocesso das posições dos psicanalistas pós-freudianos que, ante o enigma freudiano sobre a sexualidade feminina, preferiram o refúgio da concepção “naturalista” da diferença sexual e acoplaram-se à norma heterossexual em uma perspectiva normalizante da cura psicanalítica. Assim, a possibilidade de postular outro gozo que o fálico abre terreno para uma escolha possível, abre a alternativa entre gozo fálico e não todo fálico, dividindo os falantes entre lado “homem” e lado “mulher”.

Colocamos aspas nesses significantes, posto que, enquanto tais, nada nos dizem sobre a posição de gozo que este ou aquele falante escolheu. Ao falar de escolha, não falamos de uma autofabricação da posição sexuada tal como pode se praticar no semblante da *parada* (alarde, ostentação) masculina ou a *mascarada* feminina, cuja autofabricação pode se apoiar nas práticas performáticas dos semblantes de identificações masculinas ou femininas.

Ainda mais: a clínica analítica verifica que frequentemente essas identificações nada nos dizem do gozo real em jogo no ato sexual. Identificar-se com o falo (seja na versão *parada* ou na versão *mascarada*) é, na verdade, um obstáculo para um “saber fazer” com a castração e com a falta que assegure certo logro do ato sexual.

Trata-se, nessa sexuação, de levar em conta a relação de cada um com o gozo ativado no encontro entre corpos sexuados, na relação com um *partenaire* sexuado, no que se faz em uma cama, tal como diz Lacan. Gozo extraído do ato sexual, que se distingue da sexualidade pulsional, que podemos chamar a-sexual porque é a relação do sujeito com os objetos parciais da pulsão. É claro que isso não significa que o gozo pulsional fique no umbral do quarto, nem, muito menos, particularmente no caso do homem, em que a mulher é escolhida desde que possa ocupar o lugar do *objeto a* de seu fantasma... O gozo extraído do ato sexual não está à margem da perversão generalizada da sexualidade, cujas raízes estão na sexualidade infantil, mais aquém de toda diferença sexual.

Antes de propor as fórmulas da sexuação nos anos 1970, Lacan já havia passeado (nos anos 1958-1960) por uma clínica diferencial do amor, do desejo e, em menor grau, do gozo masculino e feminino; com o que, em parte, já havia deslocado a posição freudiana da distinção dos sexos pela presença/ausência do falo/órgão para a distinção

entre ter o falo (para o homem) e ser o falo (para a posição feminina). Tê-lo para quem não o é, ou sê-lo para quem não o tem, era a maneira de conceber o acoplamento entre homem e mulher sem afastar-se demais do pano de fundo da normalização a partir de identificações idealizantes e/ou dos papéis ideais designados a cada sexo.

Mas Lacan era bem consciente de que essas posições não faziam senão “irrealizar” a sexualidade, precipitando-a na comédia dos sexos. Podemos escutar nesse “irrealizar” como fica de lado precisamente a dimensão real da sexualidade e sua impossibilidade. Justamente essa dimensão é a que se ignora tanto na abordagem que se faz na teoria de gênero quanto nas desconstruções *queer* dos semblantes sexuais.

Essas vias deixam de lado a dimensão do real sexual, facilitando a grande tentação de precipitar-se em uma teoria da multiplicidade das identidades sexuais, pois essas só descansam sobre os semblantes mestres que as organizam e, ao afastá-las dos significantes mestres da distribuição imposta pela norma heterossexual (desses semblantes), pensa-se que assim se abriria um amplo leque de possibilidades sustentadas na labilidade das identidades sexuais.

Essa concepção, que geralmente se constrói a partir da ideia de uma libido potencialmente plástica, deixa aberta a escolha por puro arbítrio enquanto ser-para-o-sexo. O Lacan dessa época (1958-1960) – que sem dúvida estava mais em sintonia com as possíveis concepções das identificações sexuais como efeito de práticas performativas – propõe nesse momento uma clínica diferencial do amor e o desejo entre homens e mulheres que tem um valor clínico inegável para compreender os avatares da vida amorosa. Quanto ao gozo, já havia afirmado que o gozo masculino estava inteiramente consagrado à castração, enquanto o feminino distingue-se por ser um gozo envolto sobre si mesmo. Não obstante, essas aproximações não têm a contundência das fórmulas da sexuação no que concerne a propor uma lógica subversiva da lógica binária da classificação dos sexos.

Fórmulas da sexuação

É obrigatório examinar, sucintamente, as fórmulas da sexuação elaboradas por Lacan, tal qual as escreve no capítulo VII de seu seminário *Mais, ainda* (1972-1973/1982).

Homem	Mulher
$\exists x \overline{\Phi x}$	$\overline{\exists x} \overline{\Phi x}$
$\forall x \Phi x$	$\overline{\forall x} \Phi x$

O processo de elaboração dessas fórmulas não aparece explícito nesse seminário, mas se encontra latente em diversas lições do seminário. O trabalho de Gaufey (2007) traça de maneira bastante exaustiva o percurso de Lacan até chegar à escrita final dessas fórmulas.

Ao escrevê-las em junho de 1972, Lacan confirma-as como “as fórmulas em torno das quais tentei fazer girar o tocante à pretendida relação sexual” (LACAN, 1971-1972/2012). Apresenta-as como uma tentativa de escrita *como se* se tratasse de matemática, o que convida mais a um trabalho de leitura que leve em conta as riquezas e as restrições que impõe esse tipo de escrita, e menos a considerá-las como uma argumentação matemática.¹⁶

As fórmulas – mesmo que chamemos homem, o lado esquerdo, e mulher, o lado direito, – deixam de lado tanto determinações anatômicas quanto identificações simbólicas e/ou imaginárias a tal ou qual traço que se apresente como sendo da ordem masculina ou da ordem lado feminino em qualquer construção cultural.

16 As fórmulas são escritas a partir de diversos elementos:

- dois quantificadores (“*quantificateurs*”), que Lacan prefere chamar “*quanteurs*”: o signo de para todo [\forall] e o signo de existe [\exists] (existe ao menos um). Lacan fala de “*prosdiorismes*”, termo que provém de Aristóteles e que indica os elementos que desempenham um importante papel na arte do raciocínio: *todo, nenhum, alguns, não todos*, etc.
- uma função [Φ] chamada Fi, que podemos ler como função da castração.
- uma variável [x] à qual se aplicam os *quanteurs* e a *função*. Essa variável x expressa o campo do que pode determinar – partindo dos “dizeres” de um *falasser* qualquer que seja sua anatomia – a função fálica [Φx], que entra em jogo na relação sexual. Lacan já não recorre ao par de significantes previamente estabelecidos (*homem e mulher*), como um par binário (0, 1) – como o havia feito, por exemplo, no *Seminário da carta roubada (Escritos)* – tampouco a um par de variáveis (x, y). Não há para cada sexo uma variável diferente que lhes outorgaria certo valor prévio. Conserva-se uma única variável, o que permite assegurar a *indeterminação* de seu valor quanto à “escolha sexual”, que dependerá de como a função concerne à variável. Essa variável mantém-se presente e constante tanto do lado esquerdo, chamado homem, quanto do lado esquerdo das fórmulas, chamado mulher.
- O signo lógico da *negação* sobre os *quanteurs* e sobre a *função*: [$\overline{\forall x}$] [$\overline{\exists x}$] [$\overline{\Phi x}$].

Lacan precisa bem que cada lado das fórmulas da sexuação deve ser entendido como um conjunto de respostas possíveis do sujeito à questão que o sexual lhe coloca.

Nessas fórmulas, a função da castração (Φ) não é um traço determinante da alteridade dos sexos. A distinção não consiste em afirmar, de um lado, *Fi de x* (Φx) e, de outro, *não Fi de x* ($\neg \Phi x$).¹⁷

Fica assim desconstruída toda classificação binária freudiana, entre castrado e não castrado, da partilha dos sexos e descartada toda referência a uma diferença concebida em termos de oposição complementar: atividade/passividade, *yin/yang*, matéria/forma, etc. Essa partição –como bem assinala Zupančič, recordando Lacan– era a forma de interpretação do mundo antes do surgimento da ciência e, sem dúvida, retorna tanto na variedade das diversas concepções *New Age* quanto nos discursos das técnicas corporais.

As negações não funcionam de modo simétrico do lado homem e do lado mulher. Convém assinalar que a dissimetria provém de introduzir a negação da função da castração no nível da existência.

As posições sexuadas declinam-se passando por quatro lugares, conjugados de dois em dois, articulando o gozo masculino ou o gozo feminino.

O lado masculino conjuga um universal ($\forall x \Phi x$) (*para todo x fi de x*) que só se faz possível por se conjugar com a existência, necessária, de uma exceção ($\exists x \overline{\Phi x}$) (*existe ao menos um x que não fi de x*). Aqui, postula-se que o universal está sustentado pela exceção. Para que haja função é preciso pensar que poderia existir ao menos um que não a satisfaça.

Para o lado feminino, Lacan declina duas ocorrências distintas da função. Uma delas consiste na negação da exceção, enunciando um impossível: *não há x que esteja não concernido pela função* [$\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$]. A outra consiste na inovação do “não todo”: *não todo x está sob o regime da função fálica* [$\overline{\forall x \Phi x}$].

Conforme se desenvolve esse “não todo” não quer dizer que alguns *x* sim e outros *x* não estão no gozo que a função de castração descreve (leitura lógica que poderia incluir o quantificador “não todo”), e sim que estão *não totalmente*, inclusive poderíamos dizer que estão *não de todo*. Mas, como se conjuga com o *impossível que haja algum x que não esteja concernido pela função* da outra fórmula, o *x* situado no lado feminino

17 Observe-se que do lado mulher a função negada só está sujeita ao regime do quantificador existencial também negado ($\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$), enquanto a função mantém-se positiva no regime da negação universal ($\overline{\forall x \Phi x}$). Consequentemente, o lado mulher não deixa de estar concernido pela função da castração.

fica concernido pela função, mas não inteiramente... tal “não todo” se produz por pura contingência, o regime do feminino responde a uma conjunção modulada entre o impossível e o contingente.

Homem e Mulher do gozo se constroem então como duas posições diferenciais a respeito da castração. Duas maneiras de fazer com ela, uma ao “estilo macho” e outra ao “estilo fêmea”, como Lacan gosta de dizer. Nada nem ninguém impede que um homem se situe do *lado mulher* das fórmulas, como tampouco – o que está mais que demonstrado na clínica das histéricas – que haja mulheres que se situam do *lado homem* dessas fórmulas.

O sujeito que se situa do lado feminino se desdobra: a sua divisão enquanto sujeito soma-se sua divisão em relação ao gozo, gozo fálico e “não todo” fálico.

Essa parte “não toda”, indeterminada pela função fálica, não implica referência a outra função que a fálica, não fica subsumida por referente algum, abrindo um domínio¹⁸ que excede ao gozo fálico regulado pela linguagem, um excedente de gozo do qual só se pode dizer que *não é gozo fálico*, sem poder dizer que o é.

Essa indeterminação condiciona a barra sobre \bar{A} mulher, impedindo subsumi-las num conjunto fechado. Sua parte Outra é Outra para ela mesma, está separada de todo saber possível. Quando muito, expressa-se como experiência que se tenta transmitir pela via de algumas escrituras. No caso, Lacan refere-se aos místicos que tentam falar dessa experiência sem nunca poder chegar a nomeá-la. Estando essa parte de gozo real fora de todo o sentido, escapa à palavra, não há palavra para dizê-la, nunca “é isso”.

Se a função fálica era um obstáculo à relação/proporção sexual, tampouco esse “não todo”, real fora da linguagem, pode assegurar alguma relação de complemento com o gozo fálico.

A distinção das duas metades sexuais apresenta-se como duas modalidades de falha da impossível relação/proporção sexual: do *lado homem*, pelo predomínio do gozo fálico, e do *lado mulher*, porque o Outro gozo não é o Outro do gozo fálico.

A diferença tal como a apresenta Lacan é uma tentativa de desconstrução da lógica binária tradicional. A diferença sexual não é, como bem assinala Zupančič, uma diferença entre outras, e, remete-se a uma ontologia, não seria uma ontologia do ser, senão uma ontologia cuja substância é a substância gozante.

18 Lacan costuma falar de “*confim*”, no singular, equivocando “*confine*”, que remete a fronteira e “*fin*”, que remete a fim. Veja-se Lacan (1972/2003, p. 467).

Um sexo, dois... multiplicidade?

Como responder a essa pergunta?

Uma vez deslocado o debate sobre a distinção sexual ao plano da sexuação e ao gozo como sua referência, não se impõe um “dualismo” – no sentido de é isso ou aquilo e vice-versa –, mas uma partição pela qual se possa afirmar que existe o um do gozo fálico e outro gozo. Mas esse outro gozo não pode ser qualificado com Um do Outro.

Tampouco se propõe, por um lado, um dualismo entre o plano da linguagem e dos discursos e, por outro, a sexualidade enquanto substância gozante encarnada, porque o encontro entre os corpos sexuados tem sua “causa” no significante.

É preciso situar o significante no nível mesmo da substância gozante. Por isso, Lacan insistiu sobre a materialidade do significante enquanto letra e foi mais além da referência à linguagem como estrutura do inconsciente. Recorreu ao neologismo *lalíngua* para designar aquilo que da língua fica encarnado no gozo, aqueles elementos da língua que, fora de todo sentido, estão anodados a um gozo do corpo, fazendo emergir a ressonância, no corpo, da pura materialidade significante.

Proponho, para concluir, que essa lógica apresentada nas fórmulas da sexuação tem uma “incidência política”, porque permite sair dos atoladouros das classificações binárias com todo seu cortejo de segregações e exclusões.

Caberia ainda interrogar sobre sua “aplicação” às formações coletivas, organizadas sob a modalidade do “todo” ou deixem lugar à singularidade do “não todo”, garantia de não fixação a uma política identitária. Poder-se-ia por à prova numa lógica coletiva *outra*, distinta da lógica imposta pelo “todo” que, em sua modalidade de normalidade – *norme male*¹⁹ –, diz Lacan, cabe dizer normatizado de acordo com o discurso dominante – é duplamente segregacionista e nociva. Segregacionista porque deixa de lado a parte *singular* do *não todo* de cada um e nociva porque, conjugada à imaginarização da existência de um Outro concernido pela castração (figura imaginária do pai da horda primitiva freudiana), sempre está investida do fantasma de que esse Outro é causador do limite de gozo de cada um. Essa figura do gozo do Outro que (insisto, não confundir com o gozo Outro) se ativa em formas racistas, mais ou menos explícitas, das organizações coletivas.

19 Veja-se Lacan (1972/2003, p. 480): *norme mâle* induz uma tripla significação: *normal* (normal), *norme mâle* (norma macho), *norme mal* (norma mal).

Tradução: Maria Claudia Formigoni

Psicóloga pela PUC-SP, especialista em Psicologia Clínica, Psicanálise e Linguagem pela PUC-SP, especialista em Psicologia Hospitalar pelo HC – FMUSP, mestre pelo Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP.

Referências

- ASSOUN, P. L. *Freud y la mujer*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1994.
- BADIOU, A. e CASSIN, B. *No hay relación sexual. Dos lecciones sobre L'Étourdit de Lacan*, Amorrortu, 2001.
- CEVASCO, R. *La discordancia de los sexos*. Barcelona; Ediciones S&P, 2010.
- _____. Ser-para-el-sexo. In: GONZÁLEZ, A. C. e TAJAFUERCE, B. (eds.) *Ser-para-el-sexo: diálogo entre filosofía y psicoanálisis*. Barcelona, Ediciones S & P, 2010.
- FREUD, S. (1900). A interpretação de sonhos. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. 9-15.
- _____. (1905/1987). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Sigmund Freud: Obra Completa – Edição Standard*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. 7.
- GAUFEY G. L. *El no todo de Lacan: consistencia lógica y consecuencias clínicas*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2007.
- LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 496-533.
- _____. (1961). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 591-652.
- _____. (1962). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 734-745.
- _____. (1964). O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 359-368.
- _____. (1972). O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.448-497.
- _____. (1971-1972). *O seminário, Livro 19: ... , ou pior*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2012.
- _____. (1972-1973). *O seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- _____. (1973-1974). *El seminario, libro 21, Les nondupent errent*, (Los desengañados se engañan / Los nombres del padre), inédito.
- _____. (1974). Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 508-543.
- MOREL, G. *Ambigüedades sexuales. Sexuación y psicosis*. Buenos Aires: Manantial, 2002.
- ZUPANCIC, A. Diferencia sexual y ontología. In: GONZÁLEZ, A. C. e TAJAFUERCE, B. (eds.) *Ser-para-el-sexo: diálogo entre filosofía y psicoanálisis*. Barcelona: Ediciones S & P, 2010.

Recebido em 11/7/2014; Aprovado em 23/7/2014.